

Empolgação de Juscelino dava ritmo ao trabalho

VERA BRANT

Brasília, em 1960, me lembra-va uma seta apontada para o fu-turo. Os brasileiros de todos os estados aqui se encontraram, na maior empolgação, mostrando o quê e o quanto seriam capazes de realizar. E existia um timoneiro, uma figura extraordinária, que transmitia essa animação a essa gente: Juscelino.

Nunca vi tanto entusiasmo numa pessoa só: olhava uma construção como se estivesse num museu, vendo uma bela obra de arte. Os seus olhos fiscavam de alegria. Esse delírio empolgava e impulsionava os operários que aumentavam o ritmo de trabalho assoviando, cantando, subindo e descendo escadas, jogando tijolos, empurrando carrinhos de cimento como se estivessem realizando a coisa mais importante de suas vidas. E estavam.

Na hora do almoço, esquentava-ram as marmitas dando risadas, contando piadas, e comiam o seu feijão-com-arroz com o maior apetite. Eu nunca tinha visto nada parecido na vida. Era aqui que eu queria ficar. E fiquei.

Os primeiros anos não foram fáceis. Brasília era um descampado de mato e poeira. Tudo era difícil. Ficávamos naquela de reunir amigos, à noite, para dividir a solidão e a falta do que fazer. Havia o grupo das serestas que era o mais divertido de todos. O César Prates tocava e cantava aquelas modinhas de Montes Claros e de Diamantina.

Quando Juscelino comparecia a uma dessas serestas, a anima-

ção era total. Nunca conheci uma pessoa que conseguisse transmi-tir, pela expressão do rosto, bri-lho dos olhos e gestos, tanta ale-gria e entusiasmo. Parecia um maestro.

Eu trabalhava, nessa época, no Gabinete do Ministro da Educa-ção, Dr. Clóvis Salgado. Saía de lá, mais ou menos, às 6h. chegava no meu apartamento, na SQS 105, e ficava sem assunto, espe-rando acontecer alguma coisa. Ouvia música, lia os jornais, via televisão, jantava e ia para a ja-nela, espiar o mundo.

Era engraçado. Parecia hora marcada para ir à janela. Eu já sabia, de cor, o quadro: no prédio da frente, aquele senhor, pen-durado, quase caíndo, querendo ver, naturalmente, alguma mu-lher da janela do prédio, ao lado, que o obrigava a se debruçar tan-to. E mais várias caras, em diver-sas janelas.

Bem à minha frente, uma ve-lhinha que, sentada numa cadei-ra, perto da janela, só me deixa-va ver os seus cabelos brancos. À di-reita eu via um pedaço do Lago Paranoá, um trecho do Eixo Mo-numental e as árvores, pequenas ainda, plantadas no centro da avenida. À minha esqueda, via o parque das crianças e, lá longe, mais jan-elas e mais cabeças. Já estava ficando esagradável aque-la repetição.

Nas noites de insônia, a gente chegava à janela e não via vi-valma. E se a insônia era de madrugada, a alvorada era o presen-te e a compensação de uma noite angustiada. Não podia existir al-vorada mais bonita!